

# A AULA QUE DESOBEDECEU AO QUADRO-NEGRO

O quadro-negro acordou naquela manhã com a mesma sentença de sempre: **“Educação”** — escrita em letras grandes, tortas e ligeiramente cansadas.

A professora Joana olhou para a palavra como quem reencontra um velho conhecido no ponto de ônibus: sabe o nome, sabe a história, mas não tem certeza se ainda acredita em tudo o que viveram juntos. Suspira, dá um meio sorriso e resolve, mais uma vez, tentar.

— Bom dia, gente. — O “gente” dela não era formal, era quase um abraço.

Alguns alunos responderam, outros nem levantaram os olhos do celular. Um ou outro ainda lutava contra o sono que veio de ônibus lotado, café ralo e vizinho que colocou música alta até tarde. A escola ficava num bairro que o jornal chamava de “periférico” e o governo chamava de “vulnerável”. Os alunos chamavam, simplesmente, de “minha quebrada”.

Joana bateu o giz na borda do quadro, como se chamasse a atenção da palavra, não da turma.

— Hoje a gente vai falar de educação.

Um riso irônico escapou de um canto da sala.

— De novo, professora? — perguntou Vinícius, 15 anos, boné na cabeça, olhar ligeiramente debochado, ligeiramente cansado. — A gente fala de educação todo dia, mas continua sentado na mesma carteira quebrada, com o mesmo ventilador chiando e a mesma prova chata no final do mês.

A turma riu. Joana também. Não de deboche, mas de reconhecimento. Quem sabe rir desse jeito está vendo alguma coisa importante.

— Pois é, Vinícius... talvez seja por isso mesmo que a gente precise falar de educação todo dia. Porque ela anda meio perdida pelo caminho.

Ela apagou a palavra inteira com o apagador gasto. A poeira branca subiu como uma névoa triste. Depois escreveu de novo, desta vez em letras menores, no canto esquerdo do quadro:

**“Educação = ?”**

— Vamos começar assim: o que é educação pra vocês? E, por favor, não me respondam “é o que a escola ensina”, que eu já ganhei essa resposta mil vezes e continuo sem saber direito o que a escola faz.

Silêncio. A sala de aula tinha medo dessas perguntas que não cabem em múltipla escolha.

Quem quebrou o gelo foi a Ana, da primeira fila, caderno organizado, letra bonita, um sol desenhado na margem da última página.

— Educação é pra passar no ENEM, né, professora? Senão a gente morre aqui mesmo.

Ninguém riu dessa vez.

— Tá. — Joana anotou: “Passar no ENEM” debaixo da equação. — O que mais?

Lá do fundo, uma voz que raramente se metia nas discussões levantou a mão. Era Jéssica, que vivia dizendo que ia largar a escola pra trabalhar de vez.

— Educação é pra não ser feito de trouxa. — disse, sem rodeios. — Meu pai assina tudo o que colocam na frente dele. Nem sabe o que tá escrito. Aí depois vem cobrança de coisa que ele nem lembra de ter comprado.

Joana anotou: “Não ser feito de trouxa”. E pensou que, se Paulo Freire estivesse ali, teria aberto um sorriso discreto.

— Mais.

— Educação é aprender a falar bonito na entrevista de emprego. — emendou Eduardo, que já trabalhava num mercadinho. — Se falar errado, o cara já olha torto.

“Falar bonito”. Ela escreveu. E, entre parênteses, em letra miúda: “padrão”.

Uma das meninas, Luana, sempre com os fones pendurados como brinco, completou:

— Educação é aprender a ficar quieto, né, professora? A vida inteira mandam a gente ficar quieto.

A sala murmurou um “é verdade...” que parecia um coro de fundo.

Joana parou de escrever. Encostou o giz na borda do quadro e virou para a turma:

— E vocês se lembram de algum momento em que alguém ensinou vocês a falar?

— Português, né? Gramática...

— Não, não. Não é isso. — Ela fez uma pausa. — Momento em que alguém ensinou vocês a dizer o que sentem, o que pensam, o que querem. Sem “fica quieto”, sem “responde só o que eu perguntei”. Vocês lembram?

Dessa vez, o silêncio não era de timidez. Era de constatação.

Um menino no meio da sala levantou a cabeça. Era o Carlos, que desenhava carros de luxo no canto do caderno de matemática.

— Acho que... nunca. — falou, devagar. — Quando eu falo o que eu penso, sempre dizem que eu tô respondendo. Aí sobra advertência.

Joana largou o giz na base do quadro. Não queria escrever essa frase, queria guardar. Quase pegou o celular para anotar, mas conteve o impulso. Tem coisas que deveriam ser anotadas na Constituição, pensou.

— Então talvez a nossa educação esteja meio estranha, né? Ensina a ficar quieto, mas não ensina a falar. Ensina a obedecer, mas nem sempre ajuda a pensar sobre o que a gente tá obedecendo.

Um papelzinho dobrado atravessou a sala, de mão em mão, sem a professora perceber. Chegou até o Vinícius. Ele leu, riu, pensou um pouco, levantou a mão.

— Professora, posso ser sincero?

— Só vale sincero hoje. — respondeu Joana.

— Às vezes eu acho que educação é só um jeito mais bonito de domar as pessoas.

Um “uooou” coletivo se espalhou pela sala. Alguém gritou:

— Ô Paulo Freire!

Vinícius fingiu reverência:

— Paulo o quê? Eu sou o Vini, pô.

Joana riu. No fundo da cabeça, a frase “educação bancária” acendeu uma luzinha. Não citou, não fez referência, não abriu o capítulo da teoria. Apenas respirou fundo e disse:

— Você não tá tão longe de alguns livros complicados, não. Tem gente que diz isso mesmo: que uma parte da educação que a gente conhece foi inventada pra deixar gente em fila, em silêncio e com medo de errar.

Ela caminhou pela sala, entre as fileiras de carteiras riscadas com declarações de amor, blasfêmias contra provas de matemática e nomes de bandas.

— Mas também tem gente que diz outra coisa. — continuou. — Que educação pode ser o contrário disso: não domar, mas libertar. Não calar, mas fazer falar. Não ensinar a obedecer, mas ensinar a perguntar “por quê?”. E a perguntar “pra quem serve isso?”.

Eduardo levantou a mão:

— Mas aí a senhora arruma problema com a diretoria, né?

A sala caiu na risada. Joana também.

— Arrumo. — disse, sem rodeios. — Mas, se eu não arrumar nenhum problema, talvez eu não esteja educando coisa nenhuma. Só adestrando. E pra isso vocês já têm muita gente na vida.

Ela voltou para o quadro e, embaixo de “Educação = ?”, começou um novo esquema:

- passar no ENEM
- não ser feito de trouxa
- falar bonito
- aprender a ficar quieto
- ser “domado”
- aprender a perguntar “por quê?”

— E se a gente tentasse imaginar outra escola? Não aquela que vocês vivem, mas uma que vocês gostariam de viver. Não precisa ter unicórnio nem lanche do McDonald’s, mas pode ter. — provocou.

— Pode ter mais tomada pra carregar celular? — gritou alguém.

— Pode. — respondeu Joana, rindo. — Mas vai anotando sério aí. Como seria a escola com que vocês sempre sonharam, sem imaginar que pudesse existir?

Ela sabia de onde vinha essa frase. Um livro lido numa madrugada exausta, quando pensava em largar tudo. Rubem Alves sussurrando do outro lado da estante.

A turma aquietou. Não com o silêncio mandado, mas com aquele silêncio que vem quando a gente é convocado a inventar. Um a um, foram surgindo pedaços de escola:

— Uma escola que ensinasse a gente a entender boleto.

— Uma escola que tivesse aula de como conversar sem brigar.

— Uma escola que não chamasse pai na reunião só pra falar mal da gente.

— Uma escola que tivesse biblioteca cheia de livro legal, e não só aqueles que caem no vestibular.

— Uma escola onde o professor também pudesse dizer que tá triste, que tá cansado.

— Uma escola que não humilhasse quem trabalha e chega atrasado.

— Uma escola que falasse da quebrada sem vergonha, sem só mostrar coisa ruim.

Joana escrevia tudo, apertando as letras para caber no quadro. Em certo momento, olhou para aquilo e pensou: “Se alguém entrar aqui agora, vai dizer que tô fazendo bagunça ideológica”. Sorriu de lado. Talvez estivesse. Talvez fosse exatamente isso que chamavam de pensamento.

— Professora — interrompeu Ana —, essa escola aí existe?

— Ainda não. Pelo menos não toda. Mas pedaços dela existem em vários lugares. Às vezes, um professor que escuta. Às vezes, uma biblioteca aberta depois do horário. Às vezes, uma diretora que não acha que aluno é suspeito só porque tá de boné.

Ela respirou fundo.

— E às vezes, gente... — continuou —, essa escola começa quando uma turma decide que não vai mais aceitar tudo do jeito que é. E começa a perguntar. A se organizar. A falar em grupo. A exigir respeito.

Vinícius cruzou os braços:

— Tipo greve de aluno?

— Às vezes, sim. Às vezes, não precisa chegar nisso. Às vezes, começa com uma pergunta que não quer calar.

O sinal tocou, estridente, encerrando a aula antes que ela pudesse amarrar tudo num parágrafo bonito. A educação tem essa mania de ser interrompida pelo sinal. Os alunos começaram a guardar as coisas, arrastar as carteiras, conversar sobre o jogo de logo mais.

Joana ia apagar o quadro quando sentiu um puxão de olhar. Era o de Carlos, o desenhista de carros de luxo. Ele veio até ela com o caderno aberto.

— Professora... — disse, meio sem jeito. — A senhora acha mesmo que a gente pode mudar alguma coisa? Ou isso é papo de livro?

Ela olhou o desenho: um carro esportivo, detalhe minucioso no farol, quase um projeto de engenheiro.

— Eu acho que livro nenhum faz milagre sozinho. — respondeu. — Mas eu sei que, quando a gente começa a enxergar o mundo e a nossa própria vida como algo que pode ser diferente, já é uma mudança.

Fez uma pausa.

— E eu sei que quem desenha um carro desse jeito pode muito bem desenhar uma escola diferente também. E uma cidade, e um país, e o que vier pela frente.

Carlos sorriu, sem acreditar totalmente, mas guardando a frase em algum canto onde, mais tarde, talvez fizesse sentido.

Quando todos saíram, Joana ficou sozinha na sala. Olhou o quadro de novo: “Educação = ?” em cima, e uma lista confusa, contraditória, viva, debaixo.

Não apagou.

Deixou como estava. Quem entrasse na sala depois que ela fosse embora encontraria aquele enigma na parede. Talvez outro professor resmungasse, talvez algum aluno fotografasse e postasse com a legenda “profe viajando”. Talvez a diretora achasse subversivo.

Mas, por alguns minutos naquela manhã, a palavra “educação” tinha saído do livro, desmontado a carteira, pulado para a vida. Deixara de ser um substantivo abstrato e virara pergunta.

E educação que vira pergunta, Joana sabia, é daquelas que não voltam mais para a gaiola.

No caminho de casa, no ônibus lotado, pensou nos livros que a tinham trazido até ali: o velho Paulo dizendo que ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam em comunhão; Rubem cochichando que escola boa é aquela em que a gente sai com fome de mundo; tantas páginas sublinhadas que agora apareciam, disfarçadas, na fala dos seus alunos.

Sorriu. Talvez eles nunca lessem nenhum desses autores. Talvez não decorassem nenhum conceito. Mas tinham dito em voz alta que não queriam ser domados. Tinham desenhado, em palavras, uma escola que ainda não existe inteira.

De repente, tudo pareceu fazer um pouco de sentido: a poeira do giz, o salário curto, as reuniões burocráticas, o cansaço de fim de tarde. Entre uma prova e outra, entre um relatório e outro, havia momentos como aquele, em que a aula desobedecia ao quadro-negro e virava ensaio de liberdade.

Lá fora, o sol esquentava a cidade desigual. No vidro do ônibus, o reflexo de Joana parecia o de qualquer trabalhadora comum. Por dentro, porém, ela carregava um segredo: naquela manhã, naquele bairro chamado “vulnerável”, um bando de adolescentes tinha começado a desconfiar da palavra “domar”.

E, quando um estudante desconfia disso é sinal de que a educação — a de verdade — começou a sair do esconderijo.